

HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA AFRICANA: ENTREVISTA COM O PROF. Dr. Elikia M'Bokolo (EHESS-Paris/Universidade de Kinshasa)

REALIZADA NO DIA 13 DE SETEMBRO EM GOIÂNIA

Entrevistador: Dr. Marcello Felisberto Moraes de Assunção¹ (FFCLH-USP).

Elikia M'Bokolo nasceu em Kinshasa (antiga Léopoldville), em 1944, no até então Congo Belga. Sua experiência de vida é um importante substrato para a sua historiografia crítica. Viveu o colonialismo, o *apartheid*, descolonização e tantas outras experiências que marcaram as sociedades africanas nos anos 50-60. Teve sua formação em curso superior na França (em Lyon e Paris), nos anos 60, onde participou ativamente de um grupo mais jovem da *intelligentsia* negra emigrada, obtendo sua formação em Letras e sua *agrégation* na *École Normale Supérieure*, em 1971. Teve bastante influência de autores da diáspora (C. L. R. James, Eric Williams, Du Bois, etc.) e da renovação da historiografia africana (Cheick Anta Diop, Joseph Ki-Zerbo, Kenneth Onwuka Dike, etc.), como também das tradições intelectuais hegemônicas na França nos anos 60, especialmente a tradição da geração chamada “Escola dos *Annales*” (Fernand Braudel, Pierre Villar, Jacques Le Goff, Georges Duby e outros). Seus estudos voltam-se para a História Moderna e Contemporânea da África em uma perspectiva de longa duração, como também da Diáspora africana na Europa, América e Ásia. Participou da escrita de textos no projeto da História Geral da África, da UNESCO, como também é autor de uma das obras mais vastas sobre a História da África Negra (BOKOLO, 2003; 2011). A entrevista foi realizada em Goiânia no dia 13 de setembro, após a sua palestra na Universidade Federal de Goiás, na ocasião do *I Seminário de História da África e suas Diásporas*.

RTH: Vou começar com algumas perguntas de cunho pessoal, da sua trajetória e outros aspectos particulares da sua “ego-história”. Professor, considerando a tese popularizada pelo historiador queniano, Ali Mazrui, em seu documentário “*The Africans: A Triple*

¹Tive o auxílio de Allyson Garcia Fernandez na intermediação do contato com o prof. Elikia M'Bokolo e na gravação da entrevista. Também contei com a contribuição de Mario Eugenio Evangelista Silva Brito para algumas perguntas. Agradeço aos organizadores do *I Seminário de História da África e suas Diásporas* por trazerem o professor Bokolo até Goiânia.

Heritage” (MAZRUI, 1980), o senhor poderia nos dizer se, e como, a cultura tradicional africana, a cultura islâmica e a cultura Ocidental estiveram presentes na sua trajetória de formação?

Elikia M’Bokolo: Eu aprecio muito a obra do Ali Mazrui, ele gosta daquelas “generalizações”, das grandes sínteses. A ideia dele da “tripla herança” é interessante: africana, muçulmana e ocidental. Todavia, no meu caso, a herança muçulmana não importa muito. Sou natural da República Democrática do Congo, que antes era o Congo Belga. Temos lá um caso muito interessante de um processo de desenvolvimento da religião muçulmana desde a costa oriental da África e desde a década de 40 do século XIX. Houve lá um processo comercial, de povoamento, de construção de estradas e também de “roubar” gente para a escravidão na região do Índico. Isso contribuiu na difusão da língua “*Swahili*”, que era a língua do comércio e também da religião muçulmana. Mas, eu não acredito que a conversão dos africanos para o islã foi um processo religioso. É difícil o problema das conversões.

O islã era a “civilização do comércio”. Um comerciante era muçulmano, falava o “*Swahili*”. Assim, o islã era só um problema da costa da África oriental, das chamadas “cidades *swahili*”. Mas, a ideia de Ali Mazrui do encontro das religiões, das línguas, das culturas é uma ideia muito fecunda. Porque, se esse “triplo encontro” não decorreu no tempo pré-colonial, nem no tempo colonial, hoje está acontecendo. Temos muçulmanos que vem do Senegal, da Nigéria e aqueles que vem da África Oriental. Em Kinshasa, encontramos mesquitas que estão a crescer rapidamente e temos também um processo de conversão das religiões tradicionais para o cristianismo, as novas formas de cristianismo e as conversões para o islão. Há também gente que passa do cristianismo ao islão e depois volta para as religiões tradicionais. É um processo que está a ocorrer hoje que mostra a fertilidade social, cultural e intelectual das sociedades africanas.

RTH: E no âmbito familiar, como reverberavam essas influências? Você foi criado predominantemente a partir de qual dessas tradições?

Elikia M’Bokolo: Eu sou natural da capital do antigo Congo Belga. O que aconteceu é

que os primeiros membros da minha família, que vieram a Léopoldville, foram a minha mãe e meus avós paternos, vindo da província de Kasai. É uma província onde se encontra hoje muitos diamantes e houve lá um processo de deslocamento dos povos. O meu avô ficou a trabalhar para a *Companhia de Navegação do Congo Belga*, adquirindo uma doença nesse trabalho que o deixou cego. A minha avó foi uma mulher que trabalhou muito, ela preparava álcool de milho. Era um jogo entre eu e ela, o milho fornece a bebida que, ela preparava álcool e também a parte boa para comer, tínhamos uma cumplicidade de partilhar essa maneira de fazer, eu fui colocado com minha avó para estudar na escola básica em Kinshasa. Meu pai era da parte norte, a região do lago Leopold II, uma região que sofreu muito do tempo da primeira colonização desde 1880-85 até 1908 do século XX. Ele foi filho de uma família matrilinear que tinha a direção de um conjunto de aldeias. O pai e a mãe dele recusaram de deixar o filho para a escola dos brancos, mas houve lá um sequestro de jovens para ir até a escola. Nesse momento, ele foge para Kinshasa.

Meus pais se encontraram na altura da década de 1940. Não casaram, mas viveram juntos. A minha avó tinha uma casa, um terreno onde eles viveram e decorreu que, quando eu estava na barriga da minha mãe, em meio a II Guerra Mundial, em 1944, meu pai foi enviado para combater os japoneses na Birmânia e foi lá do Congo até Mombaça e de lá até a Índia e por fim de volta a Birmânia. Eu nasci quando ele estava fora e por isso que o meu nome é Elikia, que quer dizer “esperança”, pois ele esperava sair da guerra vivo para encontrar o filho. É um exemplo muito interessante, porque uma das ideias mais aceitas nas ciências sociais é que, antes da independência, nós casávamos somente na sua tribo, não foi o meu caso.

A minha mãe era do sul de Kasai, uma civilização muito forte, com estados, reis, com tradições orais muito importantes com origem no século X. Meu pai era da floresta, gente que vive nas aldeias, tem confederações, mas cada um vive na sua aldeia. Ele foi de uma linhagem matrilinear e minha mãe de uma organização social patrilinear. Portanto, era preciso inventar algum modo de viver junto, eles tinham dez filhos e filhas, e decidiram organizar uma família nova que não era nem matrilinear nem patrilinear. Eu tenho o nome da minha avó, por parte de pai, “Bokolo” e o “Elikia” é um termo do povo da parte norte da minha família e a minha irmã, que me seguiu, teve um nome típico do

sul. É um jogo social. Estávamos a trabalhar com as tradições. Não são “vítimas”, são atores que inventam.

RTH: Quando foi o seu encontro com a história? Como surtiu o interesse nas ciências humanas e nos Estudos Africanos, de uma forma geral?

Elikia M'Bokolo: É um processo longo. Eu estudei numa escola católica, em Kinshasa. A educação era feita na nossa língua, o *Lingala*, e por isso até hoje eu sou capaz de escrever ou fazer uma palestra na minha língua natal. O bairro onde nós vivemos era principalmente da civilização e povoamento Congo, pessoas do reino do Congo. Eles tinham uma consciência histórica muito forte. Diziam, por meio da tradição oral, que antes dos portugueses, havia aqui um rei e que, depois da partida dos Belgas, iríamos reinventar este reino. Afirmavam também que o rei, quando o Diogo Cão chegou ao Congo, era um “*Zinganku*”, que são nomes “congo”.

Havia um jogo no meu aprendizado de história, onde o professor abria após a explanação para discussão e eu me lembro bem que fomos perguntar ao professor porque o rei não tinha um sobrenome, “João”, “Pedro”, e o professor explicou que o nome dele “contém” tudo. O “*Zingan*” é um nome matrilinear e o “*Ku*” um nome patrilinear, e perguntávamos porque tínhamos um nome cristão. Era a colonização. Depois, na mesma discussão, perguntávamos porque o nome “Diogo Cão”, e aprendíamos que “cão” significava “cachorro”. Ficávamos a julgar que agora éramos “*Zinganku*”, Diogo Cão nunca. Era uma maneira de construir a história. Aprendíamos também a história sacra (antigo e novo testamento) e também a história da colonização belga.

Da escola católica, fui para um colégio também católico, com muitos problemas por ser a década de 50, em decorrência dos movimentos de independência. A colonização belga era uma colonização moderna, que precisava de muitas pessoas da classe média. Os belgas foram a procura dessas pessoas na Costa do Ouro, no Togo, vieram muitos para Kinshasa. Eles tinham relações com o partido do Kwame Nkrumah, e falou-se muito da ideia de liberdade. Os músicos congolenses começaram a falar disso e os belgas não entendiam. Havia um canto muito importante que dizia: “Um dia, é verdade, um dia eu tenho a certeza que o mundo vai mudar de fundo até acima”. Os

Belgas não entendiam nada. Foi assim que, no dia 04 de janeiro de 1959, houve uma insurreição em Kinshasa.

Na escola, eu estava o latim, o grego. Eu era o melhor estudante da classe. Um dia, um professor da casa disse “você, os negros, não têm nada na cabeça, porque ontem, no domingo, estava nas aldeias indígenas”, e os meninos diziam assustados: “um branco, um branco”, silêncio na classe. Eu retruquei: “Nós também quando deixamos os bairros negros para vir aqui, os meninos brancos dizem também: “um congolês, um congolês”. Silêncio na classe. O professor disse: “Bokolo, sai da minha classe, nunca volte aqui”. Era 1959, fique assim sem nada. Era um tempo de segregação entre negros e brancos. Meu pai foi em uma escola de brancos para me matricular, dizendo ao diretor do problema, um bom jovem, e ele respondeu que “não era possível matricular, há uma segregação, aqui é para os brancos”. Dai meu pai disse: “sabe que no ano 1940, quando os nazistas invadiram a Bélgica, o rei fez nada, estava a colaborar com os *nazi*, os belgas fizeram nada, a minha mulher era grávida, eu deixei esta terra para ir até a Birmânia para vocês Belgas e não querem meu filho?”. Por conta disso, me matricularam. Foi assim que eu passei da escola da Igreja para a escola do Estado. Decorreu a independência, um momento muito importante, e me engajei no Movimento Nacional Congolês (MNC), de Patrice Lumumba.

RTH: Já havia circulação de ideias da “negritude”, do pan-africanismo? Como era essa repercussão?

Elikia M’Bokolo: A negritude realmente não, o pan-africanismo um pouco. Porque houve um padre que publicou em 1944 um livro, que eu li só mais tarde, “A filosofia Bantu” (TEMPELS, 1945). Ele explicou que os *bantus* tem um pensamento organizado, que podemos chamar de filosofia. O livro era proibido de entrar no Congo, mas falávamos dele. Assim, começávamos a entender essas ideias, mas para mim, era a cultura popular que falava disso. A música congoleza entrou numa fase muito importante de crescimento e havia grupos críticos. Um deles dizia: “Um dia, um dia eu tenho a certeza que o mundo vai mudar de fundo até acima”. Havia também os congos que tinha uma cultura de uma grande profundidade dizendo que “nós ficamos aqui antes

dos portugueses, antes dos belgas, um dia vamos reconstruir o reino do Congo”.

Nesse bairro, havia muitos “*kibamdistas*” que eram fieis de uma igreja proibida de Jesus Cristo, em Congo, fundada para o seu profeta Simon Kimbangu. Em 1921, este homem organizou uma greve de trabalho dos impostos dizendo: “um dia, o branco vai virar negro e o negro vai virar branco”. Por isso, ele foi preso e condenado a prisão perpétua e os Belgas tomam esses jovens que participavam do culto no baixo Congo, perto de Angola, fazendo uma volta em Congo até a província de Katanga. Ele viveu lá e os fieis dele foram dispersos para evitar uma concentração dessa nova religião naquela região do Congo. Isso foi muito interessante porque, ficando ali, os jovens se casaram com as filhas daquelas terras, e a religião *kibandista* difundiu-se no Congo. Onde eu fiquei, eles diziam: “você vai ver, a independência vai chegar aqui”, dizendo também “que temos irmãos do outro lado da América, eles vão nos ajudar para construir uma terra nova aqui”. Foi assim que houve também a cultura da dominação. Não precisa que as pessoas conheçam o conhecimento em texto, mas através dos rádios que estavam, procuravam músicas de fora, de Cuba, do Brasil. Tínhamos acesso a certos conhecimentos, e assim diziam: “esta gente que está a cantar nessa coisa ai, do outro lado, eles vão voltar”.

Então, naquele dia do 04 de janeiro de 1959, dia muito importante, a colonização belga caiu, em uma noite não havia mais nada e as pessoas diziam: “são os do outro lado, que vieram aqui para ajudar-nos, voltaram a terra deles, mas no tempo da independência vão ficar aqui”. Portanto, é assim que em 1960, com a independência, os belgas foram para sua terra, o estado desapareceu. Não havia nada, nem escolas, nem hospitais. O MNU organizou um sistema que dava assistência, e procuravam especialistas que ainda não tinha encerrado sua formação para termina-la fora do país, enviando meu pai, que era até então assistente medico, para a França, em 1961.

Lá eu terminei minha escola secundária, em Lyon, com professores vindo do Haiti. Todos os meus professores eram haitianos. Não sabíamos que ali haviam negros, foi nosso primeiro contato. Perguntávamos “vocês vêm de onde?” e eles respondiam “nós estamos a vir de uma terra que se chama Haiti, não conhece? Foi o primeiro país que venceu o colonialismo”. Lyon era uma cidade grande, com boas escolas, uma das cidades da colaboração com os nazistas. Era também uma das capitais da resistência, ali

ficaram os imigrantes espanhóis do tempo da guerra civil e os argelinos que fugiram da Guerra de Libertação.

Em Lyon, havia uma livraria progressista muito importante, com livros sobre América Latina, Brasil, etc. O proprietário era um espanhol anti-franquista. Lá, liamos *Le Monde Diplomatique*, que era uma revista muito importante que falava de terceiro mundo. Havia também, nesse espaço, argelinos e assim eu comecei a estudar para aprender sobre a humanidade. Lia diversos jornais, em particular o *L'Humanité*, jornal do Partido Comunista Francês. Desse modo, ao terminar meus estudos em Lyon, comecei a frequentar uma classe para me preparar para o ensino superior e lá um professor de filosofia disse que eu poderia entrar na Escola Politécnica. Comecei a dar aulas privadas para a burguesia de Lyon para sustentar meus estudos, terminando minha licenciatura em letras clássicas.

RTH: Nesse momento, o Joseph Ki-Zerbo estava dando aula em Paris. Você o conheceu ou leu suas obras nesse momento?

Elikia M'Bokolo: No ano da preparação do bacharelado, tínhamos uma prova de história sobre o tempo contemporâneo desde 1914-1945, havendo também uma segunda parte intitulada “As civilizações do mundo”. O professor, um ótimo educador, introduziu esse tema porque ali, na França, a história está intimamente ligada a geografia. Na classe primeira, havia uma lição sobre economia francesa, falando dos portos do atlântico. O professor dizia: “como seu amigo Bokolo está aqui, eu vou dizer uma coisa: de Bourdeaux até lá em cima, todos estes portos viveram do tráfico de escravos”. A fortuna da França, portanto, veio uma parte da África e do trabalho dos negros e, ao terminar a classe, estudávamos as civilizações até chegar na África. O professor dizia que não daria aula no tema porque afirmava que o “aluno do congo” sabia mais do que eu sei. Ele recomendou um pequeno livro escrito por um historiador africano tendo como título “As civilizações da África” (KI-ZERBO, 1964). Era o primeiro livro que lia do Joseph Ki-Zerbo.

Meu pai, apesar de não ser um comunista, era progressista e ele gostou muito de ler o Cheick Anta Diop e, portanto, ele e seus amigos diziam para eu ler. Li Cheick Anta

Diop com muita reserva porque, nos livros dele, ele cita muitos autores gregos e romanos, mas ele cita numa tradução que não é dele. Eu não aceitei que um historiador cite documentos muito importantes, com questões tão fundamentais, com traduções de um outro. É preciso ler na língua original. Penso que o Ki-Zerbo é bem melhor que o Cheick Anta Diop. Nos meus livros, eu explico que o Diop tem uma obsessão pelas origens, o Egito, etc. Para mim, na história, a origem não é o que conta mais. O que conta, de fato, são os processos. A origem é sobretudo uma invenção dos povos. A ideia de “processo” é mais presente no Ki-Zerbo do que no Diop.

RTH: Mas, em ambos você vê esse problema do “mito da origem”?

Elikia M’Bokolo: Sim, em ambos. Porque a questão não é só saber se o Egito é negro ou não, mas como nós de uma origem tão gloriosa chegamos ao estado atual. O que aconteceu para isso? Quando fui estudar na *École Normale Supérieure*, eu já tinha a minha licenciatura em letras clássicas. Nesse momento, comecei a estudar antropologia com o Georges Balandier e, sobretudo, encontrei um filósofo muito importante na *École*, com lições importantes, o Louis Althusser. Havia também, em meados de 1967-1968, mudanças políticas muito importantes: o Vietnã, a China, a África e as Lutas de Libertação Nacional. Estudamos sociologia, filosofia, ciência política, discutindo Althusser, Marx e Hegel. Uma situação muito bonita. Escolhi estudar história por conta do contato com as fontes e meus vínculos com a minha formação em letras. Tinha um professor de filosofia, o Jean Delacroix, um filósofo cristão, com um forte vínculo com I. H. Marrou e também com o próprio Althusser, que foi aluno do Delacroix. Comecei a fazer uma especialização em História e tive acesso à Nova Escola da África, através dos historiadores de língua inglesa. Da Nigéria, do Daomé, etc. A renovação da história que faziam não tinha haver com a linha do Cheick Anta Diop, tinha mais haver com a linha o Joseph Ki-Zerbo.

RTH: Você acredita que, naquele momento, o difusionismo intra-africano e a ideia da “personalidade africana” foram importantes para a escrita da história africana?

Elikia M'Bokolo: Não, realmente não acho. Contudo, quando eu entrei na escola, havia um homem mais velho que saiu da escola, o hoje conhecido filósofo Paulin Hountondji. Ele me influenciou a estudar filosofia africana. Um dos seus primeiros livros foi uma crítica (HOUNTDJONI, 1976) ao padre já mencionado que escreveu sobre filosofia africana (TEMPELS, 1949). Ele me disse uma vez que, no período da escravidão, houve na Alemanha filósofos africanos. Ele me incentivou a pesquisar esses pensadores. Um, que tinha a ideia de africanidade contra a escravatura, e o outro, com a ideia de que a chegada da religião cristã era mais importante que a escravidão. Um debate muito importante. Nesse momento, passei no concurso de *agrégation*, em 1971, e fiquei um, dois anos encontrando uma bolsa para a preparação do doutoramento, a partir da orientação de professores ligados a Nova História Francesa.

RTH: Qual era o tema do doutorado?

Elikia M'Bokolo: O tema do doutoramento foi orientado por um professor de origem catalã, dizendo que eu precisava de estudar e confrontar a ideia de uma ética que explica o surgimento do capitalismo, contrapondo essa leitura weberiana às críticas de Pierre Villar. Ele queria que eu visse, na situação da África, se a tese de Max Weber tinha sua consistência. Foi assim que eu escrevi sobre o problema da ética nas empresas de colonização. O que aconteceu que não era “ética”, mas trabalho forçado.

RTH: Houve também uma influência das teses de Eric Williams em “Capitalismo e Escravidão” (WILLIAMS, 2012), nessa sua construção?

Elikia M'Bokolo: No tempo da *École Normale Supérieure*, eles compraram para mim alguns livros e, entre eles, estava a obra “Capitalismo e Escravidão” (WILLIAMS, 2012). Nele, já havia essa ideia de que os ingleses não tinham uma ética capitalista, mas sim uma situação que as companhias coloniais e os bancos, que existem até hoje, eram envolvidos no processo chamado Tráfico Negreiro. Eles nos escravizaram ou/e forçaram povos da costa a sequestrarem outros povos do interior. Essa ideia de ética não tinha realmente uma consistência. Pensávamos o que acontecia na Índia e eles conseguiram

organizar um capitalismo industrial dentro do sistema colonial, não sendo protestante ou judeu. Havia também a China, quando Mao Tse Tung estava a dizer, em 1967-1968, que o problema era como “deslocar as montanhas”.

O pensamento dos jovens africanos, que era bem organizado em Paris, era que a África iria tentar “deslocar as montanhas”. Não era um problema de ética, mas de conhecimento e vontade. Em 1971, quando acabei meu doutoramento, meu pai foi mandado para o norte do Congo e eu tentei entrar na Universidade de Kinshasa. Eles disseram que não entendiam nada da minha formação. Era casado nesse período e o meu orientador da tese me chamou um dia por estar a procura de um trabalho. Tentei na Argélia e os cursos eram em árabe. Tentei na Angola, mas não há um departamento de história, só havia de ciência política e era ligado ao partido. Então meu orientador recomendou um trabalho na *Escola de Altos Estudos*.

RTH: Você citou algumas influências na sua formação. O próprio marxismo em Eric Williams, Walter Rodney, C. L. R. James, Pierre Villar como também membro da chamada “Escola dos *Annales*”. Como era a sua relação com os professores ligados aos *Annales*?

Elikia M’Bokolo: A chamada “Escola dos *Annales*” foi uma escola muito interessante. Quase todos os meus professores foram dessa escola. Um deles era o Jacques Le Goff, um professor maravilhoso. Falava citações na língua latina, grega e no francês antigo. Podia falar de tudo. Ele tinha também um programa na *Radio France Culture*, das 9 às 12 horas. Nesse horário, na *École Normale*, não havia aula, porque todos ficávamos a ouvir a emissão de Jacques Le Goff. Quando ele explanou sobre o processo de santificação, disse que não é só um problema de crenças religiosas, mas um processo cultural, intelectual e social. Ele dizia que essa questão da longa duração não é só verdade na história econômica, mas também na história cultural. Nessa altura, Aimé Césaire voltou para a sua terra, mas havia em Paris a encenação de suas peças no teatro, como o caso da *La Tragédie du Roi Christophe* e *Une Saison au Congo*. O que criou uma situação muito interessante. A maioria dos emigrantes africanos em Paris eram sobretudo estudantes.

RTH: Existia um lugar específico onde vocês se reuniam?

Elikia M'Bokolo: Era no ofício da *Présence Africaine*. Era uma ligação onde os mais jovens entravam em conflito com os mais velhos. Dizíamos que eles ficavam falando só da cultura e era preciso falar também da economia, da política e do pan-africanismo, mas o Cheick Anta Diop era um filósofo maravilhoso. Ele aceitou as críticas. Dizia que o nosso papel era mesmo de criticar e que deveríamos escrever. Uma situação excepcional, porque não era a mesma que em Londres ou na Bélgica. Era particular da França.

RTH: Nesse momento, você já tinha leitura de autores “diaspóricos” como Du Bois, C. L. R. James e a intelectualidade afro-caribenha e afro-americana?

Elikia M'Bokolo: Era sobretudo Du Bois, porque o meu professor da língua inglesa estudou em Washington, e quando ele voltou para a França, ele fundou em Lyon um grupo de músicos que cantava a música religiosa negra e que lia essas referências. Ele explicou que essa música mostra como os negros apropriaram a mensagem do livro sagrado para desenvolver uma própria cultura. O C. L. R James, eu encontrei mais tarde após a leitura do “Capitalismo e Escravidão”, do Eric Williams (2012) e depois do Kwame Nkurumah estabelecer relações com esses intelectuais. Assim começou o meu interesse pela história do pan-africanismo.

RTH: Você tinha também leituras do Edward Wilmot Blyden, Frederick Douglas e outros autores do século XIX?

Elikia M'Bokolo: Um conhecido mais velho da Guiné, era leitor dessa literatura militante de vanguarda. Um estudioso que se voltava à “origem africana” e ao Egito e que me influenciou a conhecê-los. Isso não ficou como interesse acadêmico na minha formação, mas depois de mais velho, voltei-me aos estudos desses autores.

RTH: O professor na palestra de ontem (12 de Setembro), na PUC-GO, expressou a importância da compreensão da *diáspora* como um capítulo da história da África. Essa

influência do caldo cultural na França de um campo intelectual negro, emigrado em Paris, leitores dos autores diaspóricos, influenciou nessa sua leitura?

Elikia M'Bokolo: Sim, influenciou bastante, porque os primeiros livros de história que eu li foram da historiografia de origem inglesa. Estes nigerianos, gente de Gana e a intelectualidade africana estava em meu repertório. Eu abri um seminário na Escola Superior intitulado “A “negrofobia” e a “negrofilia”: Europa e os negros nos séculos XVIII e XIX”, objetivando a crítica das desigualdades das raças humanas e a questão das filosofias das luzes com a presença dos negros, pensando também a ideia de África em uma longa duração. Uma parte considerável dessa minha proposta deve-se a estas influências, na minha formação.

RTH: Se você fosse analisar os Estudos Africanos contemporâneos, em perspectiva, como você avaliaria o estado atual da historiografia e se essa inserção da ideia da diáspora é, enquanto um dos capítulos de uma História Geral da África, de fato realizada nessa escrita?

Elikia M'Bokolo: Uma das primeiras conquistas dos historiadores africanos, e de outros espaços, é a ideia de um processo de mundialização que não é exterior ao continente africano. Pode ser dito também que hoje falamos da “África inicial”, que o gênero humano saiu do continente africano para povoar a nossa terra, também o saber africano, o problema do Egito, é uma questão complicada que temos que lidar, e a herança de Heródoto na sua maneira de aproximar os livros dos filósofos gregos que não fosse estrito a perspectiva ocidental. Hoje, estamos a ver que antes da globalização capitalista, desde o século XVI, na esteira de Fernand Braudel, já decorreu uma outra globalização tendo como centro o Oceano Índico. A África não era só um lugar para procurar mão de obra escrava, mas a China, a Índia, a Pérsia e a Babilônia entraram em contato com o continente africano. Tenho um amigo que tem uma tese que mostra como o ouro do Zimbabwe já foi explorado por um longo tempo. Este ouro foi para a China e todo mediterrâneo. Eu gosto muito da EHEES, pois houve um reconhecimento de que a História da África não é simples. O sociólogo Georges Balandier fez um trabalho muito

importante nesse sentido, mas é um trabalho que se circunscreve numa curta duração, o fim do colonialismo.

RTH: Essa preocupação com a longa duração da História da África se dá, efetivamente, com História Geral da África da UNESCO ou já existia, antes dela, obras embasadas nessa leitura historiográfica?

Elikia M'Bokolo: Já existiam sim, em língua inglesa havia o próprio Du Bois. Havia também o livro "*Great Black Man in History*" que tentou abordar grandes pessoas na história mundial que fossem negras, conseguindo abordar grandes períodos históricos. Todavia, a verdadeira longa duração surge depois de Fernand Braudel, a partir de suas análises do século XVI, com sua gênese no século XIII e XIV, e os vínculos entre o islão africano, o islão oriental e a Europa. Eu tinha um professor, agora de extrema direita, que fez uma tese sobre os portos italianos no século XIV, mostrando que já havia um "sonho de África" na Europa, porque esses países começaram a pensar que todo esse ouro oriundo dos árabes era originado do continente africano.

RTH: Então já haviam estudos sobre essas redes intercontinentais na linha do que a HGA-Unesco construiu?

Elikia M'Bokolo: Não havia realmente. O que havia eram livros de propaganda de afro-americanos, livros bastante discutíveis, sobre a ideia da chegada de negros na América antes da colonização. Há uma discussão muito importante sobre a chegada de chineses e outros povos no continente americano, mas até hoje não houve uma base sólida.

RTH: Em um certo texto, o filósofo Paulin Hountdonji se perguntava: "quão africano são os chamados estudos africanos?" (HOUNTDONJI, 2008). Ele afirmava ter diversas recensões aos estudos feitos por não-africanos, por estarem alheios as realidades internas/nacionais e por serem pouco lidos no próprio continente. Diante dessa interrogação, como o professor avalia a contribuição externa de autores não-africanos, em particular, na Europa, em historiadores como J. D. Fage, Basil Davidson, Catherine

Coquery-Vidrovitch até as contribuições mais recentes? O eurocentrismo e etnocentrismo ainda são fantasmas que rondam os estudos africanos na Europa?

Elikia M'Bokolo: Quando eu entrei na Escola Superior, precisava de escolher a filiação disciplinar. Eu sou da filiação “História e civilizações” e não África. Eu apresentei minha proposta de seminário de ensino dizendo que não é uma história africana, é história, com métodos, debates que são da história. Todavia, para encontrar dinheiro para pesquisa era mais fácil encontrar dinheiro ficando também no *Centro* de Estudos Africanos. Nisso, quando eu fui lá explicar que não era só para estudar África continental, mas também para estudar africanidade global, o continente americano e a Europa, em suma, a circulação dos negros no mundo, eu gostei muito dos historiadores negros da América, porque a ideia deles era que não temos só uma ligação com a Europa, mas fazemos parte do mundo. Nesse contexto, Georges Balandier foi uma exceção, porque ele conseguiu fazer o *Centro de Estudos de Sociologia Dinâmica* sobre África, mas também sobre Europa e sobre o mundo em geral.

O que eu não gosto muito são aqueles “africanistas” que ficam presos somente a África, o que é um problema. Um outro grande problema são aqueles etnólogos que não falam línguas africanas. Seria o mesmo que conceber um historiador da Grécia ou Roma Antiga não que conseguem ler a língua grega ou latina no texto original. Esse é o meu grande problema com Cheick Anta Diop e os “diopistas”, porque eles leem somente as traduções. Se não há erudição, não há conhecimento. Pode ser discurso, ideologia, mas não é conhecimento. A História da UNESCO foi uma tentativa muito importante, por buscar estabelecer a longa duração, mas eles não conseguiram. Foram capazes de fazer períodos: Antiguidade mais longa, Idade Media, Moderna e Contemporânea. Os africanos são os agentes da história, foi um esforço interessante, mas não conseguiram de fato, mesmo chamando autores mais jovens. Eu contribuí em dois volumes, no V e no VIII. Havia um debate com os mais velhos, mas não concordávamos com tudo que eles concebiam.

RTH: Você fez parte da Comissão da HGA-UNESCO?

Elikia M'Bokolo: Nessa altura, não parte do conselho, porque eram somente os mais velhos. Também contribui no tomo VIII, onde houve um problema muito grande porque a crítica dos mais jovens era que esses historiadores estavam a escrever a história das décadas de 30-80 numa visão nacionalista. Que tudo que os africanos fizeram foi bom e que também havia uma continuidade entre a geração da década de 30 e as gerações mais tardias.

RTH: Mas existe um ponto comum entre o seu livro sobre a História da África (M'BOKOLO, 2011) e da HGA-UNESCO nos tomos mais recentes (BOAHEN, 2010; MAZRUI, 2010), o seu foco reside na resistência e não tanto só na opressão/dominação. Essa é uma perspectiva historiográfica fundamental para analisar esse período histórico mais contemporâneo?

Elikia M'Bokolo: Sim, concordo. É presente tanto na HGA-UNESCO, como nas obras do Joseph Ki-Zerbo e em Alen F. Isaacman na obra "A tradição da resistência em Moçambique" (ISAACMAN, 1979). Um livro muito interessante, pois mostra essa tradição da resistência em longa duração, tanto contra os Zulus, como aos Europeus. A nossa ideia era de que a resistência não parou com a independência, ela continuou. Mas o conselho da UNESCO não aceitou essa ideia, até porque os Estados financiavam essa história.

RTH: Você conhece a obra do René Pelissier? Pois ele demonstra essa ideia de resistência de longa duração dos africanos no caso do colonialismo português.

Elikia M'Bokolo: Sim, conheço. É uma obra muito interessante. Há também essa tendência dos historiadores da África de escrever uma história eminentemente política. A História Social e Econômica é vista somente do ponto de vista da colonização, esquecendo a dimensão africana do comércio interno. Havia empresários africanos desde o século XIV, XV pelo menos. Precisamos falar disso, demonstrar como eles também tinham essa "capacidade" de acumulação. Como eu também demonstrei em um livro sobre o século XIX a presença de diversos empresários africanos.

RTH: Isso também serviria para destruir aquele mito liberal de uma ética “empreendedora” restrita ao mundo ocidental/anglo-saxão?

Elikia M’Bokolo: Sim, e os empresários talvez não tinham, exatamente, essa ética ligada ao protestantismo ou judaísmo, mas isso não é um limite por si para o seu “empreendedorismo”. Até porque havia uma forte ligação sul/norte, entre continente africano e americano. Precisamos organizar melhor as ligações entre os continentes, no contexto atlântico. Por exemplo, a ideia decolonialidade me parece interessante para isto.

RTH: Então, para você, deve existir um vínculo entre os Estudos Africanos e outros estudos anti-eurocêntricos: o decolonialismo, o pós-colonial, a crítica anti-orientalista e os estudos subalternos na Índia? Deveria então haver um maior diálogo para você? Há algum autor específico da decolonialidade que você tem como referência?

Elikia M’Bokolo: Sim, claro, são fundamentais. Eu tenho estudantes que estão a procurar uma perspectiva da decolonialidade que seja africana. No caso do trabalho que estou a fazer com o comitê científico sobre o uso pedagógico da HGA da África, busco procurar dentro desses oito volumes os conceitos coloniais que persistem, e são muitos!

RTH: O anacronismo no uso de categorias ocidentais na análise de estados, sociedades e formações africanas sem a mínima adequação crítica é um legado colonial que ainda persiste no imaginário ocidental sobre África, e, portanto, no ensino de sua história (a divisão entre “África pré-colonial” e “colonial”, “etnização”, “tribalização”, etc.). Diante disso, quais são as suas indicações para que o historiador da África em formação fuja dessas generalizações e armadilhas conceituais?

Elikia M’Bokolo: Talvez não precise nomear os períodos. Pode-se dizer o século XVI, mas há um problema porque essa contagem do tempo não é africana. Podemos começar com isso ou procurar em pesquisa de campo como as próprias pessoas falam disso. Na

minha terra se diz “nos tempos dos avós”. O seu pai é um avô, não? Quando acaba o tempo dos avós, que tempo esse é esse? Quando você entra numa posição de humildade, essas definições são postas de forma mais complexa. Para algumas sociedades, é difícil fixar o tempo, impor uma visão específica. Na minha Universidade de Kinshasha, até hoje, a história é dividida segundo o modelo tradicional: Antiga, Moderna e Contemporânea. Eu sou professor de história moderna, mas o que quer dizer isso? Contra a tradição? Contra a história antiga? Eu não gosto disso, precisamos ver as ideias das pessoas em seus meios. Elas têm ideias sobre temporalidade que podem ser bastante interessantes.

RTH: Então, para você, a metodologia oral, a etnografia são instrumentos fundamentais para apreender melhor os conceitos segundo a perspectiva das línguas e culturas locais?

Elikia M'Bokolo: É fundamental. Jacques Bert era um especialista das sociedades árabes, das suas “piadas” e “canções”. Ele dizia “as sociedades falam”, não só os documentos públicos, mas é preciso ouvi-las. Em uma conferência que fiz em Kinshasha, prefiro falar em Lingala, para falar igual às pessoas na rua. Els dizem que quando eu falo sobre a história, eles percebem o que é história, mas é claro que isso significa também abordar os diversos níveis (curta, media e longa duração) e todos os possíveis recortes. Precisamos fazer com o que os jovens trabalhem. O mais importante não é fazer uma “tese”, porque estas servem mais para ter alguns diplomas rapidamente do que para a produção do conhecimento.

RTH: Você já disse que conheceu o Valentim Mudimbe (2013a; 2013b) e o Achille Mbembe (2001) pessoalmente e, em ambos, há uma grande influência do pós-estruturalismo, nomeadamente, a leitura de Michel Foucault. No “A ideia de África”, e nos artigos e intervenções do Achele, há uma crítica à parte dos estudos “afrocentrados”, exatamente pela influência nacionalista de uma certa historiografia que perpetua os discursos da Escola Colonial. Como você avalia as críticas/posições desses autores?

Elikia M'Bokolo: Eu acho que é uma direção muito interessante. O que falta é que

precisamos de trabalhar juntos, porque a ideia de uma academia africana, que coloca em dois meses todos esses grandes pesquisadores com os mais jovens, para assim intercambiar, realmente tem muitas dificuldades. O Valentim Mudimbe veio para o Congo aos seis, sete anos, mas não foi capaz de suportar o clima de Kinshasha. O problema do poder, da ditadura, o pensamento único, a procura do dinheiro e abaixamento dos valores morais, ele não aceitou. Eu disse a ele “eu vivo também aqui, se você ficar aqui e se somos aqui 5 ou 6, podemos organizar uma academia”. É isso que falta, haver esse encontro, para trabalhar junto, uma dinâmica do interior.

RTH: O holocausto é visto por alguns historiadores como um “evento-limite” (o “mal absoluto”), mas muitas vezes essa leitura exclui/silencia outros momentos da barbárie europeia sobre os povos “periféricos”, como é o caso exemplar do processo de ocupação efetiva da África e formatação das Companhias Majestáticas na África pós-Conferência de Berlim (como por exemplo a extração de borracha no Congo Belga). Na sua visão, as diferentes formas de lembrar e de silenciar o que é mal absoluto reproduz uma visão racista dos eventos históricos? Ao que se deve a escassez de museus sobre os males do colonialismo e a presença de museus da barbárie do holocausto/2º Guerra Mundial?

Elikia M'Bokolo: Nós publicamos com Marc Ferro “O livro negro do colonialismo” e há esse tempo relativamente curto do século XIX até o século XX que aconteceram coisas tão fortes e violentas que houve uma desestruturação muito grande das sociedades africanas. Depois disso, as sociedades africanas estão a procura de uma outra invenção de si própria que perdura até hoje. Quer dizer, a ruptura dos africanos (na África ou na “diáspora”) não é no século XVI, mas é nesse período do XIX ao XX. É esse processo que continua até hoje. Um congolês historiador procurava entender quando surgiu essa ruptura ou se houve rupturas com uma delas sendo a máxima? Depois dessa, há uma confusão tão grande que mesmo a intelectualidade africana não consegue inventar a novidade. Esse é um problema dos filósofos. Eu falei disso com o Paulin Hountondji, a ideia de “saberes autoctenes”, esses saberes tem uma longa duração ou será que aconteceram rupturas, uma delas tão grande, que as sociedades africanas estão a construir novos saberes? A reunião de pensadores dos africanos e da diáspora, a partir

do prisma da análise da “ruptura”, talvez seja uma das tarefas mais importantes que temos a fazer.

RTH: De que maneira a ascensão do conservadorismo na Europa, o White Power nos Estados Unidos, entre outros movimentos, afeta o imaginário negativo sobre África, os estudos africanos ou mesmo a imagem que a mídia perpetua sobre os imigrantes africanos?

Elikia M’Bokolo: No pensamento europeu, os negros sempre foram um problema. Não só no pensamento de direita, mas também nos chamados progressistas, liberais, etc. Por exemplo, nas obras do Tocqueville, “A democracia na América”, há um parágrafo em que ele explica o seguinte: “que a questão entre os negros e nós, é quem vai matar o outro”. Mas ninguém se atenta a isso. No livro do Condorcet, um filósofo da revolução francesa faz uma história das idades da humanidade, acaba com a décima e diz que estamos no tempo do progresso, da ciência, e temos civilizações na infância a espera de “nós”. Os europeus lidaram mal com a África. Os marxistas tentaram pensar a ideia de um comunismo primitivo, voltar de uma maneira crítica e radical a essas leituras, voltando aos filósofos africanos para pensar todas essas representações. Os músicos da minha terra dizem que a “África é o futuro do mundo”, mas o que quer dizer isso?

RTH: Para além da academia, como o professor avalia a produção de livros didáticos sobre a história da África?

Elikia M’Bokolo: Um dos deveres do historiador e cientistas é o de arranjar a viagem de ida e de volta entre as nossas produções e os que irão “digerir essa produção”, fomentar sua divulgação. Mas eu não tenho a certeza que isso anda sendo feito adequadamente. Precisamos estudar o que está a acontecer, avaliando o choque, “a ruptura”, entre europeus e africanos. Na organização do trabalho acadêmico, deveria ter um outro modo para além da produção de uma tese de 300 páginas.

RTH: No Brasil, o acesso à bibliografia da História Geral da África é bastante restrita, se

delimitando a algumas traduções. Se você fosse citar algumas obras que são fundamentais para compreender a História da África, quais você recomendaria?

Elikia M'Bokolo: A obra da UNESCO é uma das melhores, muito melhor que a da História Geral de Cambridge. Indico também a obra geral do Joseph Ki-Zerbo, como também as obras que a fundação criada em sua homenagem ainda irá lançar. O Ki-Zerbo foi capaz de falar da História da África com conceitos e uma maneira de organizar o conhecimento que não é o saber científico, sem perder em nada em rigor historiográfico. Isso foi apreendido por ele na infância, um dos últimos historiadores formados pela oralidade. Eu mesmo também tive bastante essa influência. Cheick Anta Diop era um cérebro europeu, bem diferente do Ki-Zerbo.

RTH: Uma última pergunta, enquanto um historiador do “sul global”, da periferia do mundo, qual é a função da escrita da história, do historiador enquanto ser social?

Elikia M'Bokolo: Um embaixador estadunidense disse na época da constituição da HGA-UNESCO que não iria nos auxiliar financeiramente porque “os africanos” estavam a falar de forma negativa deles. Um dos historiadores e organizadores da HGA retrucou que somos um continente mais velho, com um saber de longa duração. Se não conseguirmos organizar essa história, os mais velhos vão desaparecer, e eles são como uma biblioteca. A oralidade é fundamental nesse processo, pois a apreensão de um saber fora da academia é fundamental para produzir uma historiografia científica. Devemos construir uma abordagem que dialoga com os saberes locais, inclusive em conexão com a diáspora. O entusiasmo dos mais jovens é fundamental para construir essa nova história e precisamos que vocês, aqui na América, venham também para a África.

Referências Bibliográficas

- BALANDIER, Georges. *A situação colonial: abordagem teórica*. Cadernos CERU, Vol. 25, n. 1, pgs. 33-58.
- BOAHEN, Albert Adu. *História Geral da África*, vol. VII: África sob dominação colonial, 1880-1935, 2ª edição. Brasília: Unesco, 2010
- JAMES, C. L. R. *Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a Revolução de São Domingos*. São Paulo: Boitempo, 2000.
- HOUNTONDJI, Paulin. *Sur la "philosophie africaine"*. Paris: Maspéro, 1976.
- _____. *Conhecimento de África, conhecimento de africanos: Duas perspectivas sobre os Estudos Africanos*. Revista Crítica de Ciências Sociais, 80, 2008.
- ISAACMAN, Allen F.. *A tradição da resistência em Moçambique: o vale do Zambeze, 1850-1921*. Porto Afrontamento, 1979.
- KI-ZERBO, Joseph. *Le monde africain noir*. Paris: Ed. Hatier, 1964.
- MAZRUI, Ali. *The Africans: A Triple Heritage*. BBC/WAT, 57: 00, 1980. Disponível em: ><https://www.youtube.com/watch?v=8-pksToXSL4><.
- _____. (Org.). *História Geral da África*, vol. VIII: África desde 1935, 2ª edição. Brasília: Unesco, 2010.
- MBEMBE, Achille. *As formas africanas de auto-inscrição*. Estudos Afro-Asiáticos. Rio de Janeiro, vol. 23-1, 2001, p. 171-209.
- M'BOKOLO, Elikia. *África Negra: história e civilizações*. Tomo I (até ao Século XVIII). Tradução de Alfredo Margarido. Lisboa: Editora Vulgata, 2003.
- _____. *África Negra: história e civilizações*. Tomo II (Do século XIX aos nossos dias). Tradução de Manuel Resende, revisada academicamente por Daniela Moreau, Valdemir Zamparoni e Bruno Pessoti. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011, 754 p.
- _____; AMSELLE, Jean-Loup. *No centro da etnia – Etnias, tribalismo e Estado na África*. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
- MUNDIMBE, V. Y. *A invenção da África: Gnose, filosofia e a ordem do conhecimento*. Lisboa: Edições Pedagogo/Edições Mulemba, 2013a.
- _____. *A ideia de África*. Luanda: Edições Mulemba/Edições Pedagogo, 2013b.

TEMPELS, Placide. *La philosophie bantoue*. Paris: Présence Africaine, 1949.

WILLIAMS, Eric. *Capitalismo & Escravidão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.